

AUTOAVALIAÇÃO PARENTAL E AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM UM GRUPO DE ORIENTAÇÃO PARENTAL ON-LINE ¹

Jessica Aguiar²; Alini Basso de Souza³; Luiza Constante Oliveira⁴; Thalyta Freitas dos Santos Laguna⁵; Regina Gema Santini Costenaro⁶ Josiane Lieberknecht Wathier Abaid⁷

RESUMO

O ambiente familiar possui o poder de influenciar o processo de desenvolvimento humano. Assim, a presente pesquisa tem por objetivo discorrer sobre a percepção dos cuidadores quanto a suas atitudes e sentimentos frente a uma situação difícil após a participação em um grupo de orientação parental. Participaram do estudo 16 pais, que frequentaram um grupo virtual de orientação parental. Foi utilizado um questionário de autoavaliação parental e sobre suas experiências no grupo Pais Mais. Uma análise descritivo- quantitativa foi utilizada para traçar o perfil dos cuidadores pelo programa de estatística SPSS. A análise dos dados qualitativos ocorreu a partir da análise de conteúdo temática, que buscou categorizar as respostas dos participantes conforme os temas levantados. Conclui-se, a partir dos relatos dos participantes, que a participação no grupo foi construtiva, no qual, gerou um ambiente acolhedor e trouxe a possibilidade de trocas de experiências e discussões acerca dos conteúdos abordados.

Palavras-chave: Cuidadores; Intervenção de Grupos *On-line*; Orientação Parental; Pais e Filhos; Promoção Familiar.

Eixo Temático: Atenção Integral e Promoção à Saúde (AIPS).

1. INTRODUÇÃO

O ambiente e a conjuntura familiar podem ser considerados grandes influências no processo de desenvolvimento humano, uma vez que no contexto familiar a criança

¹ Trabalho de Pesquisa e Extensão - UFN. Iniciação Científica- Probex/UFN.

² Acadêmica do curso de Psicologia - UFN. Bolsista Probex/UFN. jessica.aguiar@ufn.edu.br.

³ Acadêmica do curso de Psicologia - UFN. alinibasso@ufn.edu.br

⁴ Acadêmica do curso de Psicologia - UFN - luiza.constante@ufn.edu.br

⁵ Acadêmica do curso de Psicologia - UFN - thalytalaguna@gmail.com

⁶ Co-orientadora. Professora do curso de Psicologia - UFN.

⁷ Orientadora. Professora do Curso de Psicologia - UFN

é capaz de aprender as suas primeiras formas de relação com o mundo. Nesse sentido, compreende-se que os pais se utilizam de um conjunto de estratégias na educação de seus filhos, a fim de orientá-los quanto aos seus comportamentos; tais ações são chamadas de práticas parentais e ao conjunto delas, utilizado por cada pai ou mãe, dá-se o nome de estilo parental (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2014; GOMIDE, 2014; PAZZETTO, TONI, 2018).

Os pais e mães, enquanto formadores do núcleo de muitas famílias, exercem poderosa influência no desenvolvimento dos filhos, sendo os principais reforçadores, fontes e modelos de afeto e aprendizagem. Ainda que o crescimento destes indivíduos também seja afetado por diferentes fatores que incluem questões de ordem cultural, social, escolar e orgânica, são os pais que ocupam um lugar de destaque na formação das crianças (SCHAVAREM, TONI, 2019). Conquanto, observa-se que, não raro, alguns pais espelham-se na educação recebida, muitas vezes severa e amparada por ações violentas e coercitivas. Por outro lado, pais e mães que optam por práticas positivas, oferecem aos filhos modelos internos seguros, contribuindo para um bom funcionamento emocional, psicológico e social das crianças e jovens (GONÇALVES et al., 2020; BENEDETTI, REBESSI, NEUFELD, 2020).

Dados referentes ao primeiro semestre de 2021, apontam que a violência contra crianças e adolescentes atingiu a marca de 50.098 denúncias, sendo que 40.822 dizem respeito a agressões dentro da casa da própria vítima (BRASIL, 2021). Ainda segundo a mesma fonte, mais de 30.570 das denúncias referem-se a violações contra a integridade física ou psíquica das vítimas e, não obstante, os números apontam que grande parte das violações é praticada por pessoas do convívio familiar: 15.285 denúncias foram contra a mãe como principal violadora, seguidas do pai com 5.861 denúncias, madrastas e padrastos com 2.664 e outros familiares, que correspondem a 1.636 registros (BRASIL, 2021).

Destarte, depreende-se que as práticas e os estilos parentais podem exercer forte interferência no desenvolvimento das crianças e adolescentes, incluindo efeitos de caráter cognitivo comportamental e psicossocial, fatores que reiteram a relevância de estudos e ações que envolvam a orientação de práticas positivas, visando a

prevenção e promoção da saúde, bem como a qualidade de vida das famílias (GONÇALVES et al., 2020).

Outrossim, os programas – e grupos – de orientação a pais e mães no que tange às melhores práticas para educação dos seus filhos surgem com o objetivo de acompanhar as estratégias educativas e busca auxiliar a família no que diz respeito aos comportamentos desadaptativos das crianças e adolescentes (BENEDETTI, REBESSI, NEUFELD, 2020).

Isso posto, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre a percepção dos cuidadores quanto a suas atitudes e sentimentos frente a uma situação difícil após a participação em um grupo de orientação parental. Ainda, pretende-se analisar a percepção dos cuidadores quanto aos aspectos importantes e experiências vivenciadas no grupo.

2. METODOLOGIA

Este trabalho faz parte do projeto de extensão intitulado “Educação parental em tempos pandêmicos: Promoção das relações familiares positivas com intervenção on-line” coordenado pela prof^a Josiane Abaid em colaboração com a prof^a Regina Costenaro. O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o registro do CAAE: 08975619.6.0000.5306, nº 4.489.573, no ano de 2021.

Para a realização do estudo foi utilizado um recorte das intervenções grupais de orientação parental que ocorreram na modalidade on-line no primeiro semestre de 2021. Os 18 cuidadores que compõem a amostra para a construção do perfil desta pesquisa realizaram a sua inscrição no grupo pela página no aplicativo Instagram do projeto (@projetopaismaisufn). Destes, 16 responderam ao questionário de autoavaliação parental e experiências no grupo Pais Mais.

O instrumento utilizado para a análise de dados quantitativos foi o questionário sociodemográfico aplicado no momento da inscrição dos participantes ao grupo. Os dados quantitativos foram analisados pelo SPSS, para compor o perfil dos participantes. A análise dos dados qualitativos ocorreu a partir da análise de conteúdo temática das respostas dos participantes conforme os temas que emergiram

(BARDIN, 2016). O instrumento utilizado para a análise qualitativa foi o questionário de autoavaliação parental e experiências no grupo Pais Mais, elaborado pelas pesquisadoras do projeto. Ambos os instrumentos foram aplicados pelo *Google forms*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise descritiva do perfil sociodemográfico dos participantes mostrou que a maioria dos participantes são mulheres (83,3%) e possuem um companheiro(a) (83,3%). As frequências e percentuais sobre nível de escolaridade e número de filhos estão apresentadas nas Tabelas 1 e 2, respectivamente.

Tabela 1- Frequências e Percentuais Quanto à Escolaridade dos Participantes

	f	%
Ensino Médio	2	11,1
Superior incompleto	1	5,6
Superior completo	12	66,7
Pós-graduação	3	16,7
Total	18	100

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2021.

Tabela 2- Frequências e Percentuais Quanto ao Número de filhos

	f	%
1 Filho	6	33,3
2 Filhos	9	50,0
3 Filhos	3	16,7
Total	18	100

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2021.

Observa-se que o perfil dos participantes se correlaciona a outros estudos com grupos de orientação parental quanto ao sexo. Tal aspecto demonstra o papel que a

mulher ocupa enquanto cuidadora, havendo um encargo social maior quanto a sua responsabilidade na parentalidade. Tal discrepância entre os papéis de gêneros vem sendo criticado ao longo das décadas, através do incentivo à responsabilidade equivalente a ambos os cuidadores (GUSSO; BOLZE; VIERA, 2019; NEUFELD, et al., 2018; WAGNER, et al., 2005) .

Com relação à escolaridade, acredita-se que a maior parte dos cuidadores possuem ensino superior completo devido a inscrição on-line, que ocorreu principalmente pela página do Instagram do projeto. Dito isso, o público do Instagram, na página do projeto em questão, é composto majoritariamente por pessoas do ciclo acadêmico.

A análise de conteúdo (BARDIN, 2016) permitiu extrair 10 categorias a respeito da percepção dos cuidadores sobre a situação atual com o filho e a experiência do grupo: Comportamentos de birra/ oposição, Conflitos com os pais, Conflitos com os irmãos ou pares, Problemas relacionados à escola, Resposta regulada emocionalmente, Atitude reativa, Sentimento de impotência ou insatisfação, Sentimento que desencadeia o estresse, Desenvolvimento enquanto cuidador e Grupo como espelho.

Para a melhor compreensão dos discursos dos participantes, os mesmos serão nomeados pela letra (P) seguidos pelo seu respectivo número de resposta ao *Google forms*.

3.1 A VIVÊNCIA DE UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL

Quando solicitou-se que o participante descrevesse uma situação difícil que tenha acontecido recentemente com o seu filho ou filha, foram citados *comportamentos de birra/oposição* (28%), como: “resistência ao não (P2)”; “choros e gritos (P4)”; “dificuldades quanto aos limites (P9)”; “problemas com eletrônicos (P10)”; “birras (P12)” e “teimosias (P13)”. Seguidos por *conflitos com os pais* (20%), tendo como exemplo: “chamar a mãe de mentirosa (P1)”; “resolução de conflitos: provocação (P4)”; “xingamentos (P5)”; “desejar males aos cuidadores (P5)” e “não aceitar quando repreendido (P13)”.

Percebe-se que os cuidadores que relataram que os filhos apresentam comportamentos de birra/ oposição, assim como, conflitos com os pais são em sua totalidade pais de crianças. Diante disso, compreende-se que esta faixa etária é propícia à ocorrência de comportamentos discordantes e disfuncionais, visto que a criança ainda está desenvolvendo aspectos como a regulação emocional, a flexibilidade cognitiva e o controle inibitório. Cabe aos cuidadores auxiliar no desenvolvimento de tais aspectos, que se demonstram essenciais para a construção do *self* e de habilidades sociais (SIEGEL; BRYSON, 2015). Esse tema é um dos aspectos discutidos com frequência nos grupos do projeto.

Frente aos *Conflitos com irmãos ou pares* (20%) observou-se questões como: “não gostar de compartilhar as coisas (P6)”, “conflitos entre irmãs (P7)”; “conversas com os amigos que não agradou os pais (P14)” e “autoritarismo e divergência entre irmãos (P16)”. Dentro do grupo familiar, os irmãos constituem um subgrupo chamado fraterno, cuja convivência pode ser marcada tanto pela presença de solidariedade como de rivalidade. Essa coexistência de sentimentos opostos pode oferecer uma série de aprendizados, como a cooperação, a negociação e a competição, que favorecem o compartilhamento de vivências e situações construtivas, contribuindo não somente para a qualidade da relação, mas também para a aquisição de importantes competências sociais (MAGALHÃES, MONTEIRO, DANTAS, 2019).

A relação fraterna, conforme Silva e Lucas (2020), pode ser um dos vínculos mais duradouros, uma vez que se inicia na infância e perdura ao longo da vida do indivíduo. Para Lopes, Fernandes e Relva (2017) a rivalidade fraterna é um tema que gera bastante debate e é motivo de preocupação para pais e educadores. Os autores mencionam que independente da forma como a relação entre os irmãos se define, não se pode desconsiderar que através das disputas e conflitos os indivíduos também podem vivenciar aprendizados, uma vez que nestas situações eles lidam diretamente com sentimentos de raiva e muitas vezes de perda que os ensinam, dentre outros fatores, a dividir, partilhar e reconhecer limites. Assim, ainda que tempestuosa, frustrante e conflituosa, a relação pode trazer ensinamentos importantes às crianças e adolescentes, e os pais possuem papel fundamental na mediação destes embates,

visto que a família é o primeiro nicho social no qual a criança aprende a se relacionar com os outros e a resolver conflitos (SILVA, LUCAS, 2020).

Ademais, foi percebido pelos cuidadores *problemas relacionados à escola* (16%) como: “Se recusar a fazer tarefas (P5)”; “Não querer retornar às aulas presenciais (P6)”; “Dificuldades em realizar as tarefas em casa e da escola (P10)” e “Mentira quanto às atividades escolares (P15)”.

As atividades escolares já eram consideradas por muitas crianças e adolescentes como desinteressantes frente a outras opções de utilização de seu tempo, como o uso de eletrônicos. No entanto, com o advento da pandemia, surgiu a sobrecarga de tarefas escolares e a diminuição do convívio com os pares, o que tornou o processo de aprendizagem mais solitário (LAGUNA, et al., 2021). Além disso, após vários meses em casa, devido à pandemia, alguns estudantes podem vivenciar a dificuldade no retorno às aulas presenciais (GABRIEL, et al., 2021), inclusive o medo de adoecimento e da morte.

3.2 AS ATITUDES E OS SENTIMENTOS DO CUIDADOR DIANTE DA SITUAÇÃO DIFÍCIL

Com relação a atitude dos cuidadores frente a situações difíceis, pode-se perceber que predominaram as *respostas reguladas emocionalmente* (64,70%) como “Manter o controle (P2)”; “Manter a calma (P4)”; “Conversar/negociar (P10)”, seguidas de *atitudes reativas* (35,29%) como “Explosão (P7)”; “Castigar (P5)”; “Ficar bravo e nervosa (P12)”; “Dizer que não minto (P1)”.

Neste sentido, é importante destacar que a regulação emocional tem seu desenvolvimento a partir das interações com o núcleo familiar, tendo os cuidadores um papel central neste aspecto (CURVELLO; MENDES, 2020). As emoções são essenciais para a saúde mental das crianças, desse modo, deve existir um manejo desde a infância, pois esses aspectos podem causar um impacto na saúde mental dos futuros adultos. Assim, eles devem ser ensinados acerca das emoções, a fim de aprenderem a distinguir os estados emocionais (SOUZA; FERREIRA; SOUZA, 2021).

Com relação ao sentimento diante da situação difícil, predominou o *sentimento de impotência ou insatisfação* (50%), como: “Coração partido (P1)”; “Frustração (P4)”;

"Chateação (P4)"; "Tristeza (P15)"; "Não saber como agir" e "Aflição (P9)". Seguido do *sentimento que desencadeia estresse* (31,8%), por exemplo: "ansiedade/nervosismo (P12)"; "Raiva" e "irritação (P2)", e de *sentimentos positivos* (18,18%) : "Felicidade (P3)"; "Satisfação (P14)"; "Alívio (P10)" e "Confiança (P11)".

Diante disso, compreende-se que sentir-se impotente, insatisfeito e por vezes estressado com situações difíceis são respostas comuns. Afinal, por mais que se tenha conhecimento de qual atitude é a mais eficaz, os sentimentos são mais difíceis de regular. Dessa forma, salienta-se a importância de aceitar que alguns momentos durante o exercício da parentalidade serão estressantes e podem acompanhar sentimentos de impotência e insatisfação (CURVELLO; MENDES, 2020; SIEGEL; BRYSON, 2015).

Ademais, conforme os cuidadores vão vivenciando a parentalidade e os desafios envolvidos, podem perceber emoções positivas diante da resolução dos conflitos. Sentimentos como os relatados pelos cuidadores deste estudo, que são capazes de abarcar a sensação de competência enquanto pai ou mãe.

3.3 EXPERIÊNCIAS E ASPECTOS IMPORTANTES PERCEBIDOS NO GRUPO

Por último, diante da questão sobre a experiência no grupo de orientação parental e os aspectos que foram importantes para cada um deles ao longo deste processo, destaca-se o *desenvolvimento enquanto cuidador* (53,84%), tal como: "Ser menos rígido (P3)"; "Aprender a lidar com a culpa materna (P4)"; "Melhorar como cuidadores (P6)"; "Aprender a lidar com o comportamento da criança (P11)" e "Compreensão sobre a maternidade ser um processo de acertos e erros (P16)"; "Rever as atitudes como mãe (P13)". Ainda, a categoria o *grupo como um espelho* (46,16%), como dito nas falas: "Reconhecer suas responsabilidades como pai (P3)"; "Identificação com os demais pais (P4)"; "Adquirir novas vivências" (P4) e "Reflexão positiva frente às ideias contrárias (P9)".

Diferentes estudos comprovam a eficácia dos grupos de orientação parental enquanto espaço de desenvolvimento de atitudes positivas nos cuidadores. Acredita-se que tal aspecto ocorre pela ampliação do repertório de manejo dos cuidadores frente a situações difíceis e estressantes que fazem parte do cotidiano parental

(BENEDETTI, et al., 2020; NEUFELD, et al., 2018; PELISOLI; CAMINHA; RODRIGUES, 2017). Ademais, o entendimento das diferentes fases do desenvolvimento auxilia os cuidadores a perceber o que a criança ou adolescente é capaz de realizar e compreender conforme sua faixa etária (SIEGEL; BRYSON, 2015).

Os grupos se mostram um mecanismo eficiente no espelhamento de demandas e discursos. Eles contribuem também com a aprendizagem, sobre os modelos parentais utilizados nos grupos familiares e quão são eficazes e positivos na criação dos filhos e na vinculação familiar, por meio de estratégias parentais que desenvolvem ambientes mais seguros e saudáveis para as crianças e adolescentes. Ainda, conforme Bortolatto, Loss e Delvan (2017), os grupos podem auxiliar os pais na aquisição de informações e competências educativas.

4. CONCLUSÃO

É possível salientar que os grupos voltados para educação parental tem influência positiva na construção de estratégias mais saudáveis para a educação dos filhos. O que se pode perceber, a partir dos relatos dos participantes, que demonstraram que o processo foi construtivo, gerou um ambiente acolhedor e trouxe a possibilidade de trocas de experiências e discussões acerca dos conteúdos abordados e dos exemplos colocados a partir das experiências pessoais de cada cuidador, na relação com as crianças e adolescentes.

Contudo, deve-se considerar as possíveis dificuldades apresentadas na elaboração dos resultados do estudo. As quais se relacionam com a possibilidade de os cuidadores se limitarem a responder o questionário de autoavaliação parental e experiências no grupo Pais Mais de forma que agrada os pesquisadores e não com os reais impactos gerados pelo processo do grupo, fenômeno conhecido como desejabilidade social.

Por fim, salienta-se a importância da realização de mais pesquisas com grupos de orientação parental on-line, assim como da validação de instrumentos que possam ser utilizados remotamente. Uma vez que a pandemia trouxe a remodelação das intervenções psicológicas e consequentemente das práticas de orientação parental. Além disso, tendo em vista que muitos pais e cuidadores não possuem conhecimentos

acerca de estratégias que auxiliem no cuidado e educação dos filhos, esta forma de intervenção corrobora para a aquisição de um repertório de práticas parentais positivas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos cuidadores que aceitaram participar dos grupos de orientação parental on-line durante o período de pandemia e se empenharam ao longo dos encontros para a evolução do grupo e a construção de práticas positivas. Agradecemos também as voluntárias do projeto de pesquisa e extensão que se disponibilizaram para coordenar os grupos e auxiliar na produção de materiais e ideias para intervenção. Por último, agradecemos a Universidade Franciscana - UFN pelo auxílio com a bolsa PROBEX/UFN.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: **Edições 70**, 2016.

BENEDETTI, T. B.; REBESSI, I. P.; NEUFELD, C. B. Programas de orientação de pais em grupo: uma revisão sistemática. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 399-430, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872020000100013&lng=pt&nrm=iso

BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos - MMFDH. **81% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa.** Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/81-dos-casos-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-ocorrem-dentro-de-casa>

BORTOLATTO, M. O.; LOOS, V. N.; DELVAN, J. S. A Parentalidade em Foco com Grupos de Pais: o relato de uma experiência. **PsicolArgum.**, v. 35, n. 89, p. 1-22. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/25565/23576> Acesso em: 27 set. 2021.

CURVELLO, R. P.; MENDES, D. M. L. F. Estratégias de regulação emocional de pais: uma revisão da literatura. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 231-250, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v32n2/03.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas: Alínea, 2014.

GABRIEL, N. S.; et al. O retorno às aulas no pós-pandemia: estudo de caso e análise comparativa entre o ensino público e o ensino privado. **Terrae Didática**. Campinas SP, v. 17, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8663375>

GOMIDE, Paula Inez Cunha. Pais presentes, pais ausentes: Regras e limites (13ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONÇALVES, Julio Cezar et al. Grupos de Orientação Parental: um relato de experiência. **Rev. Psicol. Divers. Saúde**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 364-373, 2020. Doi: 10.17267/2317-3394rpds.v9i3.2782

GUISO, L.; BOLZE, S. D. A.; VIERA, M. L. Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 1, p. 226-255, 2019.

LAGUNA, T. F. S.; et al. Educação remota: desafios de pais ensinantes na pandemia. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, v. 21 (Supl. 2): S403-S412, maio., 2021.

LOPES, P. P.; FERNANDES, O. M.; RELVA, I. C. A violência como tática de resolução de conflitos entre irmãos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 113, p.149-172, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/6696>

MAGALHÃES, A. S.; MONTEIRO, M. C.; DANTAS, C. R. Rivalidade e solidariedade entre irmãos na clínica com famílias. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 10, n.3supl, p. 101-120, 2019. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/36904>

PAZZETO, T.; TONI, C. G. de S. Grupo de orientação a pais em clínica-escola de psicologia. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 69-86, 2018. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/viewFile/183/122>

PELISOLI, C.; CAMINHA, M. G.; RODRIGUES, S. G. Atualização em treino e educação parental. In: CAMINHA, R. M.; CAMINHA, M. G.; DUTRA, C. A. A prática cognitiva na infância e na adolescência. Sinopsys: Novo Hamburgo. p. 77-93, 2017.

SCHAVAREM, L. do N.; TONI, C. G. de S. A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 147-161, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200012&lng=pt&nrm=iso

SIEGEL, D. J.; BRYSON, T. P. **O cérebro da criança: 12 Estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar a sua família a prosperar.** São Paulo: nVersos, 2015.

SILVA, E. P. da; LUCAS, M. G. Relação entre irmãos: a percepção do primogênito. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 144-159, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100011&lng=pt&nrm=iso

SOUZA, J.B; FERREIRA, J.C; SOUZA, J.C.P. A importância da validação das emoções das crianças. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18940>.

WAGNER, A. et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pais e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.